

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

LOPES, João Siqueira. *João Siqueira Lopes (depoimento, 1983)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1999. 30 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**JOÃO SIQUEIRA LOPES**  
**(depoimento, 1983)**

### ***Ficha Técnica***

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 12/05/1983 a 01/07/1983

duração: 1h

fitas cassete: 1

páginas: 30

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado se justificou pelo fato de ter sido pedreiro e técnico refratário. Trabalhou na construção e na manutenção dos fornos.

A esposa do entrevistado assistiu à gravação da entrevista, mas não se manifestou.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Companhia Siderúrgica Belgo-mineira, Companhia Siderúrgica Nacional, Indústria Siderúrgica, João Siqueira Lopes, Volta Redonda

## *Sumário*

Entrevista: 09/12/1998

Origens familiares; primeiros estudos; a ida da família para Sabará e o trabalho na siderúrgica Belgo-Mineira em 1933; explicações sobre a especificidade do trabalho com tijolos refratários; a ida para Volta Redonda em 1944: a facilidade em conseguir colocação na CSN, a demissão na Belgo-Mineira dificultada pelo esforço de guerra, o alojamento para profissionais especializados e a casa recebida da companhia; aspectos da cidade de Volta Redonda: o comércio e o transporte; a rotina de trabalho: o horário, a equipe, uniforme e equipamento de segurança; o trabalho na construção dos fornos, longos detalhes sobre o trabalho de manutenção dos fornos; comentários sobre a distribuição da participação nos lucros da companhia; observações sobre o processo de seleção dos funcionários; rápida referência às opções de lazer na cidade e às condições de transporte; comentários sobre a vida política em Volta Redonda: a emancipação da cidade e a atuação do sindicato dos metalúrgicos; opinião do entrevistado sobre o presidente Getúlio Vargas; avaliação da assistência médica oferecida pela companhia; comparações entre o trabalho na Belgo-Mineira e na CSN; outras explicações sobre a rotina de trabalho: o relacionamento com os chefes dos diferentes departamentos, a organização do trabalho de manutenção, o trabalho como chefe de turno; as refeições; a periculosidade do serviço de manutenção; avaliação do entrevistado sobre a importância da siderurgia e do seu trabalho na Belgo-Mineiro e na CSN.

**Entrevista: 09/12/1998**

I.F.- Sr. João, eu queria saber se o seu nome completo é esse mesmo: João Siqueira Lopes.

J.L.- É verdade.

I.F.- E normalmente o senhor é conhecido como João ou Siqueira?

J.L.- Meu nome mais conhecido na usina é Siqueira, só.

I.F.- Só Siqueira, não é?

J.L.- É, conhecido.

I.F.- E eu já estive aqui, outro dia, conversando com o senhor, e o senhor me disse que é de Conselheiro Lafaiete.

J.L.- Sim.

I.F.- E nasceu em que dia?

J.L.- Dia 5 do 9 de 1916.

I.F.- 1916. Nós estamos impressionados com a quantidade de mineiros que tem aqui em Volta Redonda. Por que veio tanto mineiro para cá?

J.L.- É, tem bastante. Eu acho... Não sei devem ser as dificuldades, na época, e mesmo a facilidade de colocação aqui, a necessidade daqui também na época — que necessitavam de um grande número de trabalhadores.

I.F.- O senhor ficou lá em Conselheiro Lafaiete até que ano?

J.L.- Eu saí de lá garoto, com 17 anos.

V.A.- Os seus pais eram de lá? O seu pai era de Conselheiro?

J.L.- Era, eram todos de lá.

V.A.- E o seu pai fazia o quê?

J.L.- Meu pai era lavrador.

V.A.- E o senhor morava na roça?

J.L.- Morei na roça até a idade de oito anos, depois mudei para a cidade.

V.A.- Mudou para a cidade, em Conselheiro mesmo?

J.L.- É, em Conselheiro mesmo.

V.A.- E sua mãe?

J.L.- Também.

V.A.- Morava na roça?

J.L.- Também.

V.A.- E o nome dos seus pais, o senhor lembra?

J.L.- Meu pai era Sabino Siqueira Lopes. E a minha mãe, Balbina Fortunata.

V.A.- O senhor teve irmãos?

J.L.- Tive.

V.A.- Quantos?

J.L.- Cinco irmãos e três irmãs — vivos, criados até adultos. Mas teve mais que faleceram novos, pequenos.

I.F.- E o senhor estudou, fez curso primário lá?

J.L.- Lá eu só fiz o primário.

I.F.- E aí o senhor saiu de lá e foi para onde?

J.L.- Com 17 anos eu fui para a cidade de Sabará — ali pertinho de Belo Horizonte, subúrbio de Belo Horizonte.

I.F.- Por quê? Procurando emprego, ou...

J.L.- Eu fui para lá porque aí já meu pai e meus irmãos estavam lá. Então nós mudamos a família toda para lá e eu me coloquei também na siderúrgica de lá.

I.F.- E o senhor já tinha aprendido alguma coisa da profissão ou não?

J.L.- Não. Até então eu trabalhei no comércio.

V.A.- Em Conselheiro o senhor trabalhava no comércio?

J.L.- No comércio.

V.A.- Fazendo o quê? Em qual loja?

J.L.- Não, naquele tempo era assim: venda de secos e molhados. Naquela época não tinha supermercado, era venda assim que vendia de secos e molhados, vendia de tudo.

I.F.- Começou a trabalhar muito cedo, então.

J.L.- Desde criança. Porque na roça eu já trabalhava também.

I.F.- E por que seu pai foi para Sabará?

J.L.- Porque foi na época em que houve a Revolução de 1930, e aí ficou ruim, a época ruim, igual a essa que nós estamos atravessando hoje, ou pior. Então eles saíram, porque na cidade de Lafaiete trabalhava em uma mineração; o serviço fracassou, então foi procurar outro.

V.A.- Ah, o seu pai então trabalhava na mineração em Conselheiro. O senhor lembra o nome da mineração?

J.L.- Era Santa Matilde.

V.A.- Quer dizer que primeiro ele era lavrador, depois ele trabalhou na mineração e aí depois ele foi para Sabará já sabendo onde ele ia trabalhar?

J.L.- Já, já foi lá sabendo que ia trabalhar lá.

V.A.- Aí ele foi trabalhar onde?

J.L.- Na Siderúrgica Belgo-Mineira.

V.A.- Ah, ele já foi com...

J.L.- Eles foram. Não, não foram já de..., mas foram lá e aí conseguiram.

I.F.- O que ele fazia lá?

J.L.- Trabalhava na siderúrgica, o mesmo serviço que existia...

I.F.- Pois é, mas que tipo de trabalho lá?

J.L.- Era na fabricação do aço.

I.F.- Aí o senhor foi com ele, começou a ter contatos na siderúrgica, e arrumou emprego lá também?

J.L.- É, aí eu fui. Logo que cheguei, também me empreguei na siderúrgica, ainda garoto com 17 anos. Mas já me fichei assim como adulto, porque naquela época as leis trabalhistas não estavam ainda...

I.F.- Nem tinha carteira assinada, nada?

J.L.- Nem carteira existia. A minha carteira profissional foi tirada no ano seguinte ao que eu comecei a trabalhar.

I.F.- Aí já passou a ter.

J.L.- Aí eu comecei a ter a carteira. Tenho tudo aí.

I.F.- O senhor então começou a trabalhar em 1933, 34?

J.L.- Dia 2 de maio de 1933 eu comecei na siderúrgica, lá.

V.A.- Lá na Belgo-Mineira?

J.L.- Belgo-Mineira.

V.A.- Os seus irmãos eram mais velhos, seu João?

J.L.- Eram mais velhos.

V.A.- Então eles já trabalhavam na siderúrgica?

J.L.- Já, foram trocando todos. Então já tinha lá três irmãos trabalhando.

V.A.- Já estavam lá dentro?

J.L.- É.

I.F.- E o senhor aprendeu lá dentro a sua profissão?

J.L.- Aprendi lá.

I.F.- Tinha curso ensinando, ou tinha um mestre que ensinava?

J.L.- Não, aprendi no campo, na obra mesmo.

I.F.- Na obra. Pois é, mas tinha alguém que ensinava ao senhor?

J.L.- Não. Eu é que aprendi, me esforçava, acompanhava. Eu comecei como servente.

I.F.- Servente de pedreiro?

J.L.- É. E fui me esforçando e consegui.

I.F.- E era um trabalho muito pesado para um menino de 17 anos?

J.L.- Era pesado.

I.F.- Imagino.

J.L.- Mas eu tinha disposição e, na época, tinha também um físico mais ou menos.

I.F.- E ganhava direitinho?

J.L.- Ah, o salário da época era aquela coisa...

I.F.- Muito pouco, não é?

J.L.- Ah, era muito pouco.

V.A.- E a sua mãe também se mudou para lá, para Sabará?

J.L.- Mudamos todo mundo.

V.A.- E moravam todos na cidade, como era?

J.L.- Na cidade.

V.A.- Aí os irmãos trabalhavam, o senhor, o seu pai. Dava para manter a família, ou não dava?

J.L.- Dava. Era toda a família reunida.

V.A.- E o salário que se ganhava dava para viver?

J.L.- Dava muito bem.

I.F.- E aí como é que o senhor de repente resolveu vir para Volta Redonda?

J.L.- Foi o seguinte: eu trabalhei na Belgo-Mineira. Na Belgo-Mineira, na época que eu fiquei, só existia a usina de Sabará, depois ela abriu a filial que é justamente Monlevade. Então eu fiquei em 1933; quando foi em 1935 ela começou o início da outra usina, que é a Monlevade. Então eu fiquei naquele movimento, eu trabalhava nas duas usinas.

I.F.- Ia e vinha?

J.L.- Ia e vinha. Precisava lá, eu ia lá; precisava cá, eu vinha para cá. Era assim.

V.A.- Sempre de pedreiro, então?

J.L.- Sempre de pedreiro.

V.A.- Então já trabalhava com esse tijolo especial, refratário?

J.L.- Já.

V.A.- Desde o começo o senhor aprendeu a trabalhar com esse tijolo?

J.L.- Já, desde o começo.

V.A.- E como é...? Assim, o que é diferente do outro tijolo, como é esse trabalho?

J.L.- O material é todo diferente, é todo diferente, e o sistema de trabalhar é completamente diferente.

V.A.- Que cuidados a gente tem de tomar?

J.L.- É muito cuidado. O sistema de trabalhar é todo diferente, exige outras coisas diferentes. A obra civil exige também uma certa regra, mas o refratário já é diferente, porque é construção de fornos, então são fornos que recebem esse líquido, recebem essas coisas todas, depende muito do tipo de juntas, aqueles cuidados, uma série de coisas que...

I.F.- Agora me conte uma coisa. Eu não entendo nada disso. Tem aqui um forno, não é?

J.L.- Sim.

I.F.- Esse tijolo refratário é feito aqui dentro, não é isso?

J.L.- É.

I.F.- E o senhor coloca isso, vai trabalhando aqui dentro do forno, vai entrando aqui, como é que é?

J.L.- Entra.

I.F.- Como é que é? Me conta aqui. O senhor entra, fica dentro aqui do forno?

J.L.- Fica.

V.A.- Com escada, como é que...?

J.L.- Não, faz o que for necessário: andaimes etc. e tal. Porque nós temos, por exemplo, diversos tipos de fornos. Aciaria é um tipo de forno, tem os alto-fornos, que é outro tipo de forno.

I.F.- O material é todo diferente?

J.L.- Tudo diferente.

I.F.- Formato...

J.L.- O formato... é especificação dele, e cada lugar, cada tipo de temperatura é um tipo de material. Tem material mais fraco, mais forte, ele é usado de acordo com o grau de temperatura. O forno de aciaria, por exemplo, igual tinha aqui, são os fornos que têm o maior grau de temperatura: vai a 1.500, 1.600, 1.650 graus centígrados. Então é um material muito resistente, precisa ser muito resistente, e muito cuidado na mão-de-obra.

I.F.- Agora, lá na Belgo-Mineira o forno é a carvão de madeira, aqui é coque. A temperatura é diferente? Exige produtos diferentes?

J.L.- O material para revestimento do forno pode ser todo idêntico; agora, o material de aquecimento, que é o carvão, é que é... Mas a temperatura é a mesma. O carvão que tem aqui, o carvão vegetal, é mais fraco, exige maior consumo.

I.F.- Mas então o seu trabalho era igual?

J.L.- Era igual.

I.F.- Não faz diferença se é forno a carvão ou forno a coque?

J.L.- Não. O revestimento é todo idêntico.

I.F.- E o senhor, quando veio para cá, o senhor veio buscando trabalho por sua conta?

J.L.- Vim.

I.F.- Chegou aqui e procurou quem?

J.L.- Cheguei aqui, fui direto...

I.F.- Conhecia alguém aqui já?

J.L.- Não, no momento não conhecia, vim a conhecer depois. Mas eu trabalhei, como estava dizendo, lá na Belgo-Mineira, 12 anos.

I.F.- Já tinha boa prática.

J.L.- Aí, quando eu saí de lá, já era profissional especializado. Aí eu vim para aqui. Na época aqui era só chegar e fichar, porque estavam precisando — estava na época do início da montagem dos fornos.

V.A.- Em que ano o senhor chegou aqui?

J.L.- Eu cheguei aqui no dia 25 de julho de 44 à noite. Cheguei aqui à noite, no dia 26 pela manhã fui no escritório central, pedi para entrar na usina, entrei, fui lá no setor de ...

V.A.- Setor de seleção?

J.L.- Nesse setor de trabalho, de [inaudível], e voltei. Fui lá, fui justamente no alto-forno número 1, que estava já no início de construção. Aí me deram a papeleta, eu fui no escritório central, fichei no dia 26, e no dia 27 comecei a trabalhar.

I.F.- E este escritório central era ali na Avenida Amaral Peixoto, não era?

J.L.- Não.

I.F.- Não? Onde é que era?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.L.- O escritório era lá mesmo na usina.

I.F.- Ah, já era lá no lugar do antigo mesmo?

J.L.- Era.

I.F.- Eu tinha visto uma fotografia de uma casa com uma porção de gente na frente, eu tenho a impressão que era em uma rua do centro da cidade.

J.L.- O escritório central era dentro da usina mesmo.

V.A.- Eu queria voltar um pouquinho. Por que o senhor veio para Volta Redonda, o senhor não estava gostando lá da Belgo-Mineira, como foi?

J.L.- É interesse financeiro.

V.A.- Sei. O senhor ouviu falar da...

J.L.- Aliás, eu já tinha até vindo aqui. Antes de vir em definitivo, eu vim.

V.A.- Quando? No mesmo ano de 44?

J.L.- No mesmo ano, acho que um mês e pouco antes.

V.A.- Sei. Aí o senhor veio, se informou, como foi isso?

J.L.- Eu vim, estive aí, andei na usina, me informei, e a todo momento vi que estava fácil para eu vir, se eu quisesse vir. Houve oferta: “Pode vir que tem colocação.”

V.A.- O senhor pediu demissão lá na...

J.L.- Aí eu pedi a demissão. Naquela época era muito difícil, justamente a minha parte, porque foi na época da guerra, e a usina lá estava mobilizada para trabalhar para a guerra.

I.F.- Como aqui também, não é?

J.L.- Aqui foi feito para isso, mas lá estava fabricando já para a guerra, e aqui, não; estava fazendo, formando a usina para...

I.F.- Era considerado também esforço de guerra lá?

J.L.- Lá era. Então é difícil para a gente sair, eles não gostavam, a gente tinha... Por exemplo: “Eu quero sair.” Então eu tinha que avisar lá hoje: “Eu quero sair da companhia e quero minha demissão.” Aí só daqui a 30 dias que eles iam decidir se davam a demissão ou não. Alguns que quisessem eles davam, outros, que eles faziam questão, não davam, que foi o meu caso.

V.A.- E como é que o senhor ouviu falar de Volta Redonda, as pessoas conversavam lá?

J.L.- A gente ouviu falar, outras pessoas conhecidas também.

V.A.- Conhecia gente que sabia que estavam precisando. E o senhor sabia também que o salário aqui era melhor?

J.L.- Era melhor, eu sabia que era.

V.A.- Foi, basicamente, por causa disso que o senhor então...

J.L.- Tentar melhorar.

I.F.- E era bem maior o salário?

J.L.- Era o dobro. Era mais que o dobro.

I.F.- O senhor veio para cá de trem?

J.L.- É. Naquela época era mais o trem.

V.A.- E o senhor disse que chegou aqui no dia 25, e no dia 26 foi lá. O senhor dormiu onde nesse dia?

J.L.- Alojamento da companhia.

V.A.- No próprio dia 25 o senhor já...

J.L.- No dia 25, não. No dia 25 eu cheguei e dormi em uma pensãozinha ali na beirada da linha. Aí fui, me fiquei no dia 26, no dia 26 mesmo eles já me deram o alojamento lá.

V.A.- E como era esse alojamento? Era bom esse alojamento? Ou era muito precário?

J.L.- Era precário, mas só que tem que o pessoal especializado tinha uma preferência, era um alojamento com menor número de gente, e nós fomos um pouquinho de, assim de...

V.A.- Conforto.

J.L.- Consideração em relação... Porque na época eles dependiam muito de gente. Então o pessoal que era especializado eles davam toda a prioridade, conforme deram para mim e para muitos outros, porque naquela época também era condição de... Estava na época de construção de casa, aquela coisa toda, então era problema, porque todo o mundo queria casa. Então as prioridades eram sempre para os profissionais, e eu também fui um dos felizardos — porque com um mês, acho que um mês e pouco, eu ganhei uma casa.

V.A.- Ah, que bom! E a casa era onde?

J.L.- Aqui nesse bairro Jardim Paraíba, ali perto da prefeitura.

V.A.- E como era? Era casa da Companhia, não é?

J.L.- É.

V.A.- E como era essa casa, era de tijolo, era direitinha?

J.L.- Toda de alvenaria, tudo direitinho, tudo bem instalado.

I.F.- E isso, descontavam alguma coisa do salário para pagar o aluguel, ou era gratuito? Como é que funcionava?

J.L.- Tinha um aluguelzinho, mas era um aluguel que não dava nem para eles pagarem os impostos.

I.F.- Era uma coisa só para dizer que não era de graça?

J.L.- É. Mas também era só o aluguel: não cobravam energia, não cobravam nada.

I.F.- O senhor trouxe alguém da família para morar com o senhor?

J.L.- Trouxe, a minha mulher veio logo.

I.F.- Ah, já estava casado?

J.L.- Já.

I.F.- Casou moço, então?

J.L.- Não. Novo, não, já estava com 28.

V.A.- E qual é o nome da sua mulher?

J.L.- É Almerinda.

V.A.- D. Almerinda já veio para cá, para Volta Redonda, não é?

J.L.- É. O problema da doença atrapalhou muito, ela é... Ela tem deficiência de audição...

V.A.- E os irmãos do senhor ficaram lá na Belgo-Mineira ou também vieram para Volta Redonda?

J.L.- Ficaram lá. Agora, depois que eu vim, aí ele veio um ano depois... É, foi quase um ano, não chegou a um ano. Aí veio um cunhado com uma irmã, que ele era casado, depois veio o outro irmão, depois veio o outro mais novo.

I.F.- E todo o mundo trabalhando na CSN, todo o mundo conseguiu alojamento, casa?

J.L.- Ah, conseguiram.

V.A.- E como era a vida de Volta Redonda aqui nessa época? O senhor chegou em 44, como era a cidade? Tinha alguma coisa, comércio essas coisas?

J.L.- O comércio era muito pequeno, quase nada, porque aqu... Volta Redonda, que é considerada... por exemplo, do Paraíba para cá, não tinha quase nada mesmo — só o bairro, o bairrozinho é aquele Niterói, que existia. Para cá não tinha quase nada. Mas a vida era... Não era assim muito fácil, mas a companhia facilitava, a companhia tinha armazém, cooperativa naquela época, tinha uma fazenda que tinha muita coisa, fornecia leite, verdura, essas coisas lá da fazenda, tinha uns refeitórios que eles abasteciam. O refeitório às vezes vendia também carne, vendia assim para o pessoal...

V.A.- E não tinha carro na cidade? Tinha carro, essas coisas?

J.L.- Não.

V.A.- Transporte como era, o senhor ia a pé?

J.L.- Transporte nessa época era quase só trem mesmo.

V.A.- Ah, trem. Mas dentro da cidade...

J.L.- Eu ia a pé.

V.A.- Até a usina o senhor ia como?

J.L.- A pé.

V.A.- Era longe?

J.L.- Não.

V.A.- Quanto tempo levava?

J.L.- Ah, uns 20 minutos, um pouquinho mais.

I.F.- Não usavam muito bicicleta?

J.L.- É, depois passaram a usar muito a bicicleta.

I.F. - É, porque na época, além de ser o início da cidade, foi a época da guerra, que tinha racionamento de combustível. Então, automóvel era só...

J.L.- Aqui não tinha. Aqui automóvel só mesmo o pessoal da companhia, só movimento da usina; mas aqui particular...

I.F.- E o material para a obra chegava como? Todo veio de trem?

J.L.- Trem. Não, chegava alguns... A maioria era de trem, porque o transporte rodoviário também naquela época ainda era difícil, as estradas... Não tinha estrada para aqui nem nada. A maioria era de trem.

V.A.- Como era a sua rotina de trabalho, o senhor tinha horário de trabalho, ou o senhor trabalhava em turno, como era isso?

J.L.- No início era... Trabalhava assim em turno, mas era principalmente na montagem do alto-forno, que eu trabalhei do princípio até o fim, trabalhava assim no horário de 12 horas.

V.A.- O senhor trabalhava 12 horas direto?

J.L.- É, eu fazia o turno de 12 horas. Uma semana de sete da manhã às sete da noite, em outra semana de sete da noite às sete...

I.F.- Da manhã.

J.L.- É.

V.A.- Era pesado então, não é?

J.L.- É.

I.F.- E tinha muitos como o senhor trabalhando dentro do forno?

J.L.- Ah, tinha. Era muita gente.

V.A.- Assim técnicos refratários como o senhor tinha vários?

J.L.- Tinha.

V.A.- Eram quantos, mais ou menos, nesse começo, em que o senhor trabalhava?

J.L.- Olha, eu não sei o certo, mas os técnicos mesmo, na época, não eram muitos, mas sempre improvisava um auxiliar para ajudar, aquela coisa. Porque o forno era muito grande, as áreas... Então era muito espalhado esse setor de serviço, tinha que ter assim diversos encarregados na área para tomar conta, abastecimento e coisa e tal.

I.F.- O senhor tinha roupa apropriada para trabalhar, ou era uniforme comum?

J.L.- Não, na época não tinha roupa.

I.F.- Nem uniforme?

J.L.- Não, uniforme não. Uniforme hoje é que as pessoas lá têm; naquela época quase não tinha, ninguém tinha uniforme, não.

V.A.- O senhor ia trabalhar com a sua roupa mesmo e isso na época da construção?

J.L.- Da construção.

V.A.- Depois, na operação tinha alguma coisa para não ter acidente? Porque aí já começa a ficar perigoso, não é?

J.L.- Depois que começou a operação, principalmente esse que trabalhava só no calor, a companhia depois fornecia uns paletós próprios, de lã, coisa para o pessoal entrar no calor e sair. E fora isso, o material também de proteção: luvas...

I.F.- Capacetes.

J.L.- Capacetes.

V.A.- Óculos, tinha também óculos?

J.L.- Tinha. Quem trabalhava assim em lugares que necessitava, tinha óculos.

I.F.- Sapato especial?

J.L.- Tinha umas botinas especiais, principalmente para entrar no calor, uma botina especial com solado de madeira, aquece menos. Tinha.

I.F.- E esse alto-forno foi inaugurado em 46, não é isso?

J.L.- Em 46.

I.F.- Quer dizer: durante dois anos o senhor trabalhou na construção do alto-forno. Aí, depois que inauguraram?

J.L.- No alto-forno, terminou o alto-forno antes... Terminou o alto-forno, eu passei para a aciaria. Quando começou a produzir, eu estava na aciaria. Terminou o alto-forno aí eu vim para a aciaria ajudar a terminar os fornos da aciaria.

I.F.- Aí depois que ficou pronto, que começou a funcionar, qual era o seu trabalho? Na manutenção?

J.L.- Quando começou eu fazia a manutenção.

I.F.- Aquele negócio: quando quebra tem que...

J.L.- Tem que consertar.

I.F.- E aí é por fora, como é? Porque dentro está cheio de carvão...

J.L.- Depende do... Aí dependia do que tivesse que fazer. Se fosse por fora dava para fazer por fora, mas se fosse dentro do forno, tinha que fazer...

I.F.- Como fazia quando era por dentro?

J.L.- Aí é justamente nessa hora que se usavam os recursos, porque aí tinha... Quantas vezes entrava dentro do forno ainda às vezes com quase mil graus de calor!

I.F.- Mil graus de calor!

J.L.- É. Aí usava essa roupa, essa blusa de lã, essa coisa, punha as luvas, essas coisas. Entrava ali, porque a pessoa fazia revezamento.

I.F.- Quanto tempo conseguia ficar ali dentro?

J.L.- Dependia, mais ou menos uns dez, 15 minutos...

I.F.- Mais do que isso desidratava todo.

J.L.- Ia fazendo um revezamento assim. Era coisa que se jogava uma madeira, qualquer coisa e pegava fogo. Aquela temperatura...

I.F.- Você não tinha medo, não?

J.L.- Não. Não tinha medo, não, eu estou acostumado.

I.F.- Ah, eu acho que eu ia morrer de medo.

J.L.- Eu já vim acostumado com isso, porque lá na Belgo-Mineira fazia o mesmo serviço. O forno parava para fazer um reparo, a gente preparava ali e acertava um lugar. Se fosse um lugar um pouco diferente, menor do que esse aqui, então a gente fazia uma parede de telha assim na frente, a gente tinha que trabalhar sentado dentro do forno. Então a gente preparava ali, jogava o material que usava, dolomita, forrava a soleira um pouco, que ficava vermelha, quente, forrava aquilo ali com esse material — pedra fria para a gente poder entrar— e recebia calor na cabeça também, porque a abóbada do forno, que é onde fecha, ficava quase encostada na cabeça e a gente ali trabalhando, ali sentado.

V.A.- Sentado.

J.L.- Suponhamos aqui, a parede é isso aqui, o forno é daqui para cá, então a entrava aqui, para fazer essa parede aqui, ficava sentado aqui para fazer essa parede aqui.

I.F.- Não é escuro?

J.L.- Não, dava para fazer.

V.A.- E o senhor não podia levantar?

J.L.- Não. Só levantava quando terminasse ali para sair para fora.

I.F.- E se o senhor se sentisse mal, tinha algum sinal, alguma coisa para avisar?

J.L.- Aí tinha que dar um jeito de gritar ali, qualquer coisa, para chegar um colega, qualquer coisa.

I.F.- Porque podia transpirar muito, passar mal ali dentro, não é?

J.L.- É verdade.

V.A.- Agora, quando o senhor ficava assim na parede, o senhor tinha um cinto de segurança?

J.L.- Não. Lá não tinha cinto de segurança, não tinha nada.

V.A.- E se o senhor caísse lá dentro do forno?

J.L.- Aí tinha que arrastar para fora mesmo.

V.A.- Como é que o senhor se segurava ali para trabalhar?

J.L.- Não, era sentado ali...

V.A.- Não, eu digo aqui na CSN. Sentado, era lá na Belgo-Mineira; eu digo aqui. Aí o alto-forno está funcionando, aí tem que reparar aqui na parede, consertar, o senhor tinha um cinto para ficar ali?

J.L.- Não. Aqui, de acordo com o serviço, a gente aqui já era melhor, a gente tinha segurança.

V.A.- Como é?

J.L.- Tinha. Não cinto, essas coisas — só se fosse em outro lugar diferente. Mas dentro do forno, não: a gente dependia de andaime, a gente fazia andaime tudo direitinho. O que dependesse, a gente tinha, de acordo com o local e o serviço que tivesse que ser.

I.F.- Agora, o responsável pelo alto-forno era o dr. Renato?

J.L.- Na construção foi ele.

I.F.- O senhor trabalhava diretamente ligado a ele?

J.L.- Era, mas ele era o chefe de departamento. Agora, tinha o mestre da obra com quem a gente trabalhava direto, era tudo direto a ele; mas abaixo dele tinha os outros supervisores.

I.F.- Nós ouvimos falar que tinha aqui uma espécie de gratificação que davam, chamada girafa. O dr. Renato me disse hoje que, no princípio, eram os chefes que selecionavam as pessoas que iam receber. Era o dr. Renato que dava para o senhor, ou era o mestre? Quem é que resolvia que o senhor ia receber a girafa e em que proporção?

J.L.- Não, a girafa era determinado pela diretoria, mas o processo mesmo que eles usavam eu não sei...

[FINAL DA FITA 1-A]

V.A.- Eles sempre levavam vantagem?

J.L.- É, a classe do operariado mais baixo... É um... como diz o outro, um cala boca.

I.F.- O senhor recebeu alguma vez?

J.L.- Todo mundo recebia, mas era quase nada.

V.A.- Era pouco?

J.L.- Era pouco.

V.A.- Quem recebia mais?

J.L.- A alta chefia, a mais alta tinha prioridade.

V.A.- A gente também soube que existia uma caderneta em que os chefes anotavam sobre cada funcionário, como é que ele era... O senhor sabia disso, que existia essa caderneta?

I.F.- Horário, direitinho.

V.A.- Se era bom funcionário, se...

J.L.- Não, isso a gente sempre... Eu pelo menos, eu tinha esse tema comigo, mas eu guardava. Eu sabia quais eram os operários que mereciam maior respeito, quem não merecia; eu sabia no campo, no campo. Agora, a chefia também sabia, porque eles tinham a ficha de todo operário, então a ficha acusava.

V.A.- E o senhor também fazia a ficha de alguém, não?

J.L.- Não, a ficha ficava direto no escritório da chefia. Agora, a gente no campo sabia também.

V.A.- E esse mestre, quando o senhor chegou, como era ele? Era uma pessoa que também sabia, conhecia o trabalho?

J.L.- Sabia. Por exemplo, o chefe do departamento é quem fazia promoções. Então, nas promoções, ele consultava os técnicos, os mestres-de-obra, para saber os valores dos operários também, para poder promover ou classificar... Sei lá, qualquer coisa.

V.A.- E o senhor se entendia bem com esses mestres, ou era difícil a relação com os mestres, era complicada?

J.L.- Não, eu tinha sempre boas relações, não tive complicação. Toda a vida eu tive boas relações com todo o mundo da chefia.

I.F.- Sr. Siqueira, eu li, em uns papéis aí, que no começo eles tinham muita dificuldade para conseguir mão-de-obra. Chegavam aqui as pessoas e dizem que os engenheiros chegavam a brigar para conseguir os funcionários especializados que eles queriam, que saía até briga, crime, confusão. O senhor soube disso? Que eles iam pegar os caminhões que chegavam com gente de fora, para pegar gente boa para trabalhar?

J.L.- Não, mas é justamente o que eu disse: eles aqui davam toda a prioridade ao pessoal especializado. A companhia tinha gente aí só para sair fora e agenciar, catar gente fora e trazer. Ia um caminhão lá fora e trazia. Chegava aqui, de acordo com o que eles fossem, distribuía: ou servente ou fosse profissional, colocava de acordo.

I.F.- Porque além da construção da usina, estava tendo a construção da cidade.

J.L.- É.

I.F.- E foi feita muita obra, muita coisa junta.

J.L.- Mas mais era a usina, porque a cidade tinha firma empreiteira, que a construção civil era tudo mais...

I.F.- As empreiteiras que faziam.

J.L.- Que faziam. Agora, dentro da usina que era mais pesado, as fundações e mesmo as construções, isso tudo ao mesmo tempo, era muita coisa.

I.F.- Me conte uma coisa. O senhor veio para cá moço, trabalhava duro. Qual era a diversão que tinha aqui?

J.L.- Ah, na época não tinha, aqui não tinha nada.

I.F.- Nada. Televisão não existia.

J.L.- Não existia.

I.F.- Tinha rádio?

J.L.- Muito pouco, quase nada.

I.F.- Não tinha festa com dança, essas coisas, para gente moça?

J.L.- Não. Com o tempo é que foi aparecendo. Depois, com uns quatro, cinco anos, aí começou a aparecer alguma coisa, as festinhas.

I.F.- Era uma vida difícil então?

J.L.- Era. No início aqui foi difícil.

I.F.- O senhor nunca se arrependeu?

J.L.- Não, nunca me arrependi, não. Nunca me arrependi, gosto de Volta Redonda, adoro isso aqui.

I.F.- Sua vida toda foi feita aqui então.

J.L.- Gosto demais da companhia, trabalhava satisfeito, trabalhei 25 anos sem uma falta.

V.A.- Sem uma falta, seu Siqueira? Nossa!

J.L.- Quem trabalhava cinco anos aqui sem falta, ganhava um prêmio quinquenal em dobro, ganhava um mês de salário em dobro. Eu peguei quatro períodos desses; só nos primeiros cinco anos eu tive uma falta, porque foi transição de mudança, aquela coisa, mas os outros quatro...

I.F.- Que beleza.

V.A.- E o senhor disse que, quando chegou, morou primeiro no alojamento, depois conseguiu uma casa, e o senhor morou nessa casa muito tempo?

J.L.- Vinte e sete anos.

V.A.- Vinte e sete anos. E depois?

J.L.- Mudei de lá da casa da companhia para aqui.

V.A.- Para cá. Quando foi que o senhor veio para cá?

J.L.- 72.

V.A.- Em 72.

I.F.- Essa é sua mesma?

J.L.- É.

I.F.- O senhor comprou?

J.L.- Não, eu fiz.

I.F.- Ah, o senhor que fez?

J.L.- É.

I.F.- Isso não é um edificozinho?

J.S.- É.

I.F.- O senhor fez todo ele?

J.S.- Fiz.

I.F.- Em cima mora gente conhecida ou o senhor aluga?

J.S.- Agora está alugado. Estava fechado, agora que eu aluguei.

I.F.- É bom, tem uma rendazinha maior, porque a vida está dura.

J.S.- Ficou fechado aí três anos. Porque eu fiz aí uma reforma também, não é?

I.F.- Me conte uma coisa: o senhor tinha religião, a família era religiosa, o senhor é religioso?

J.S.- A minha família, a tradição deles, era religiosa, era católica.

I.F.- E o senhor também é praticante, não?

J.S.- Não. Eu sou católico, mas nunca fui praticante.

I.F.- Não é praticante.

J.S.- Não.

I.F.- Porque aqui é tudo Santa Cecília. A fazenda Santa Cecília que deu o nome ao hospital, tem a igreja Santa Cecília, tudo é Santa Cecília, não é?

J.S.- É.

I.F.- Dizem que a fazenda é muito bonita, o senhor conhece?

J.S.- A fazenda é bonita sim.

V.A.- E o senhor depois voltou a Minas?

J.L.- Voltei.

V.A.- Voltou, visitando?

J.L.- Voltei, porque depois nós viemos para cá, mas ficou... Por exemplo: meus pais ainda ficaram morando lá, aliás faleceram lá também, e ficou um irmão lá também — continuou lá na companhia até aposentar lá, e tudo... Então a gente ia sempre lá.

I.F.- E vocês não iam muito a Barra Mansa, a Resende para passear?

J.L.- Aqui não tinha condução. No início aqui não tinha condução nem para Barra Mansa. Tinha um ônibus velho aqui, que gastava não sei quantas horas daqui a Barra Mansa.

I.F.- E me conte uma coisa: em 54 conseguiram a emancipação de Volta Redonda, virou cidade, município. O que o senhor achou disso?

J.L.- Muito bom.

I.F.- Muito bom?

J.L.- É.

I.F.- Trouxe benefícios para vocês?

J.L.- Ah, demais, porque isso aqui pertencia a Barra Mansa, tudo o que quisesse aqui tinha que ir em Barra Mansa.

I.F.- Aí começou a ter eleição para prefeito, vereador, começou a ter política aqui. O senhor participava da política?

J.L.- Não, política, não. Eleição, todas eu freqüentei, mas de política eu nunca fui.

I.F.- Nunca foi?

J.L.- Não. Eu não gosto de política.

V.A.- E do sindicato? O senhor participou do sindicato dos metalúrgicos? É mais ou menos em quando? 1945? Não é?

J.L.- É. Foi bem depois, eu não me lembro a data certa em que foi aberto o sindicato aqui. Mas eu era sócio do sindicato, eu ia nas reuniões, mas pertencer ao sindicato eu nunca fui.

I.F.- O senhor acha que o sindicato trouxe benefício para os trabalhadores?

J.L.- Na época trouxe, na época trouxe. Hoje eu não sei se há alguma vantagem ou não, mas na época trouxe.

I.F.- Quais as vantagens que o senhor teve por exemplo?

J.S.- Uma das primeiras vantagens é que a gente aqui trabalhava e tinha a folga de domingo, mas não ganhava repouso remunerado.

V.A.- Ah, não tinha repouso remunerado?

J.L.- Não. O sindicato, na época, foi que botou isso para fora.

I.F.- Só isso já foi uma coisa bem importante.

J.L.- Já foi, já foi uma coisa que... E depois, as reuniões que faziam aí para reajuste, aqueles acordos... E eu ia nas reuniões, mas pertencer a...

V.A.- À diretoria o senhor não pertenceu.

J.L.- Não.

V.A.- E o Getúlio, o senhor chegou a ver? Ele veio para cá em 53, no dia 1<sup>o</sup> de maio, veio para cá na festa do 1<sup>o</sup> de maio. O senhor chegou a vê-lo?

J.L.- O Getúlio eu vi.

V.A.- Em que ocasião? O senhor tem alguma recordação disso ou alguma lembrança de como era?

J.L.- A gente lembra... O Getúlio, para mim, foi, não sei se é errado ou não, mas, para mim, foi um bom presidente. Justamente o que eu estou dizendo que ele começou em 1930, não é?

I.F.- É.

J.L.- Em 33, quando eu comecei a trabalhar, as leis trabalhistas ainda não funcionavam e ele botou essas leis para fora, para funcionar tudo. Logo botou carteira profissional, daqui a pouco apareceu o sindicato, foi dando... Esse INSS que hoje está do jeito que está, essa bagunça, também começou na época dele. Eu, por exemplo, sou um fundador daquilo, porque eu paguei o... Na época não era o INSS, era IAPI, e eu paguei o IAPI desde 1937.

I.F.- E o fato de trabalhar aqui em um trabalho com muita insalubridade tem vantagens na aposentadoria?

J.L.- Hoje tem; na minha época não teve, porque quando surgiu essa lei de insalubridade, eu já estava com 35 anos trabalhado.

I.F.- E agora pode se aposentar com 25, não é isso?

J.L.- É. Agora, não; já tem muito tempo que já está funcionando assim. Aqui tem muita gente que se aposentou com essa aposentadoria especial.

V.A.- O senhor se aposentou quando?

J.L.- Em 71, com 39 anos trabalhados.

I.F.- É. Não é brincadeira, não é?

J.L.- É.

I.F.- E se aposentou porque quis, foi forçado a se aposentar, cansou... Por quê?

J.L.- Não... Porque chegou a época. Então eu já tinha tempo demais, o tempo era 35 anos, eu trabalhei 39...

I.F.- É.

J.L.- Eu tinha quatro anos a mais.

I.F.- E tem alguma complementação pela companhia para a aposentadoria, ou é só do INSS?

J.L.- Não, é só do INSS.

I.F.- Só do INSS. E pela companhia não tem vantagem nenhuma?

J.L.- Não. Tem aí a caixinha, a caixa, porque é subsidiária, mas não tem nada a ver com a companhia.

V.A.- O senhor falou do INSS. Na época em que o senhor veio, como era o atendimento de médico aqui. Porque tinha um hospital provisório, não tinha?

J.L.- Tinha.

V.A.- O senhor teve que recorrer a médico, alguma coisa, o senhor tinha...?

J.L.- Não. Olha sobre o INSS eu não sei lhe dizer nada, porque...

V.A.- É novo, não é?

J.L.- Não, não é novo; é porque, graças a Deus, eu nunca precisei. Agora, o hospital aqui era da companhia, atendia a todos os operários.

V.A.- Era bom o hospital?

J.L.- Era bom, eles atendiam sempre... Esse hospital daqui, para mim, era considerado um dos primeiros aqui do estado do Rio.

I.F.- O Santa Cecília?

J.L.- É, do tempo em que pertencia à companhia.

I.F.- E para o funcionário era gratuito o atendimento?

J.L.- Não, não era totalmente, gratuito; dependia, às vezes, de alguma coisa, mas eu achava 100%. Eu nunca precisei, mas a minha senhora precisou, foi operada aí, e correu tudo muito bem.

I.F.- E agora? Quer dizer, agora é tudo particular, não é? Não é mais da companhia isso?

J.L.- Não. Até tem, podem ser atendidos todos os operários, não só os operários como o aposentado, mas com esse plano aí, o Bradesco. Tem esse plano Bradesco, o atendimento da companhia é por esse plano.

I.F.- Porque inclusive a parte de terrenos aqui de Volta Redonda era toda administrada pela CSN, não é isso? Lotes, distribuição de casas...

J.L.- Aqui a cidade é praticamente... A não ser essa partezinha aqui de fora, mas dali da rodoviária para lá era tudo da companhia.

I.F.- Era tudo da companhia, mas agora não.

J.L.- Agora não, ela vendeu tudo.

I.F.- Vendeu tudo. Agora tem inclusive uma corretora tomando conta, não é isso?

J.L.- Agora é a prefeitura que toma conta de tudo e zela por aí.

I.F.- Quer dizer, agora a companhia só cuida da usina mesmo?

J.L.- Só, só da usina.

V.A.- Seu Siqueira, o senhor é uma pessoa especial, porque o senhor teve experiência na Belgo-Mineira e na CSN. O senhor conheceu uma siderúrgica a carvão de madeira, que foi a Belgo-Mineira, carvão vegetal, e a CSN, em uma época em que a CSN estava se formando como uma grande siderúrgica no Brasil. Quais eram as diferenças em termos do trabalho, das pessoas, dos regimes de trabalho? Como o senhor viu a diferença quando o senhor chegou na CSN para trabalhar? O que era diferente além do salário, que o senhor disse que era o dobro, e além do alto-forno, que o senhor disse que lá o senhor ficava sentado. O que mais era diferente em relação à Belgo?

J.L.- Não, aqui praticamente tudo era bem diferente.

V.A.- Como, por exemplo?

J.L.- Não só assim o relacionamento, como também o jeito de trabalhar, os materiais, os postos, tudo. Era tudo diferente da Belgo-Mineira. A Belgo-Mineira, não sei se por ser uma companhia mista de belgas, franceses, ingleses, aquelas coisas, tinha um regulamento mais severo um pouco.

V.A.- Ah é? Tinha mais severo?

J.L.- Ah, tinha.

V.A.- Ah, eu pensava que aqui era mais severo.

J.L.- Não, lá era mais severo.

V.A.- Como era o regulamento lá?

J.L.- Era um regulamento severo assim de gente... econômico; lá era muito maior do que aqui na época.

V.A.- Lá o que não podia fazer que aqui podia?

J.L.- Lá podia fazer tudo o que aqui podia também, só que lá era mais controlado.

I.F.- Horário de trabalho também, tudo?

J.L.- Horário de trabalho lá...

I.F.- O senhor conheceu o general Edmundo Macedo Soares?

J.L.- Conheci.

I.F.- O que o senhor pode falar sobre ele, assim, como o diretor, o técnico que administrou tudo?

J.L.- Eu conheci ele assim pessoalmente; agora, não tinha ligações com ele.

I.F.- Mas o senhor admirava o trabalho dele?

J.L.- O trabalho dele sempre foi bom, o início aí todo foi dele, essa coisa toda, foi tudo muito bom... Eu acho que aí todo mundo, todos que passaram por aqui se saíram bem, tudo bem.

I.F.- Estou vendo que o senhor tem um amor grande por Volta Redonda e pela companhia.

J.L.- Eu gosto, eu gosto. Também eu estou há 54 anos aqui, não é?

I.F.- É. O senhor se sentiu então profissionalmente realizado aqui dentro?

J.L.- Ah, graças a Deus. Trabalhei, sempre procurei cumprir aquilo que era determinado para mim, sempre certo, com a minha chefia, tudo... Nunca dei, assim, qualquer coisa que eles pudessem se aborrecer comigo.

I.F.- O senhor é muito admirado pelo dr. Renato, pelo dr. Moraes, que também me falou muito do senhor, todo mundo me falou: “Não, o Siqueira é uma maravilha.” Muito respeitado.

J.L.- O meu chefe também, se a senhora conhecer ele, pode perguntar a ele, pode perguntar a ele também por mim, que ele...

V.A.- Qual é o nome do seu chefe?

J.L.- O que foi ultimamente agora era engenheiro Muniz.

I.F.- Esse é mais recente, não é?

J.L.- Não, ele não é recente.

I.F.- Ele veio para cá no começo?

J.L.- Não, não foi no começo, ele veio depois; antes teve um outro que já é falecido. Mas todos eles, essa chefia mais antiga... Porque eu lidava — eu, como técnico...

I.F.- Refratário.

J.L.- Refratário, eu tinha responsabilidade por todos os equipamentos, todos os fornos que tinha aí. Então eu trabalhava desde aqui a fundição, o início aqui da usina, até o final lá, que tem fornos por aí afora toda. Tinha aqui a fundição, tinha a aciaria, tinha o alto-forno, tinha a coqueria, tinha [inaudível], tinha fornos de placa, tinha fornos de taru, tinha fornos de recozimento, fornos de estanhagem, fornos de zincagem. Tudo isso.

I.F.- O senhor trabalhava em todos?

J.L.- Todos eles. Então cada lugar desses tinha um chefe de departamento e eu lidava com eles todos.

V.A.- E como o senhor sabia em qual forno o senhor tinha que trabalhar no dia? O senhor chegava na usina, recebia uma indicação, como era isso?

J.L.- Tinha o departamento nosso, tinha o nosso escritório, então qualquer...

V.A.- O nosso escritório era o quê?

J.L.- Da chefia. Então quando tinha que fazer um reparo... Por exemplo: na aciaria. A aciaria tinha oito fornos, porque no início foram... Foi inaugurada com quatro fornos em andamento, só que inauguraram primeiro só dois, depois é que terminaram os outros e botaram em funcionamento. Então, ia parar um forno para reparo: o chefe da aciaria, que, no início era o capitão Pena — ele era o chefe da aciaria nessa época — então ele chamava o nosso chefe e falava: “Tal forno vai parar tal dia para reparo.” Isso foi só no início, foi assim. Depois, mais tarde, foi bem programado. Mas chamava então, aí ficava combinado tal dia. Então chegava o dia, eu sabia. Ele me chamava e dizia: “Olha, o forno tal vai parar tal dia para fazer isso e isso.” “ Está bom.” Então eu ia para lá e chegava lá naquela hora, esperava o forno parar, parava, eu recebia ele, aí vinha e ia inspecionar, ver aquilo que tinha que ser feito. Aí transmitia para os subordinados, fazia um relatório para os subordinados saberem o que iam fazer: “Olha, o forno está parado, parou às tantas horas e o serviço a ser feito vai ser esse e esse.”

I.F.- Esse forno da aciaria é aquele que tem uns panelões feito panelas de bruxa, que eles vêm com aquele aço e botam lá dentro?

J.L.- É.

I.F.- É aquilo ali?

J.L.- Não. Ali não é o forno, ali é o meio de transporte.

I.F.- Pois é, mas aquilo vai para o forno?

J.L.- É.

I.F.- Não vai?

J.L.- É. O forno, põe ali o material, o material fica trabalhando ali. Até chegar em uma temperatura suficiente, boa.

I.F.- Aquilo parece panela de bruxa, enorme, incandescente! É impressionante aquilo, não é?

J.L.- O aço ali fica igual água, líquido igual água.

V.A.- Tinha muito acidente, acidente de trabalho? Porque é um trabalho muito perigoso em uma siderúrgica, não é? Tinha muito acidente no início, ou o senhor não se lembra?

J.L.- Não... Acidente sempre tem, mas até que não era muito devido ao movimento que era, não era demais.

V.A.- Aí o senhor queria contar aquela coisa da rotina do trabalho. O senhor chegava às sete da manhã e fazia o turno até às sete da noite. Isso na outra semana era ao contrário, era assim? E aí como é que o senhor comia?

J.L.- Isso na construção.

V.A.- Na construção.

J.L.- Depois foi modificando. Igual eu falei, eu tive... Quando começou a operação, eu fiz turno, eu fui chefe de turno, entendeu?

V.A.- E o que fazia um chefe de turno?

J.L.- Ele comandava uma equipe para reparo, qualquer tipo de reparo que houvesse.

V.A.- Na hora assim de uma emergência, o senhor preparava. Quantas eram as pessoas que eram seus subordinados, mais ou menos?

J.L.- Olha, no início era pouco, eu não me lembro mais nem a quantidade, porque o volume ainda era pequeno. Mas agora, no final, que estava funcionando completa a usina, os oito fornos, a aciaria e o resto todo, três altos-fornos e coqueria, tinha oito baterias de aquecimento de lingote, essa coisa toda, tinha... Aí eu já não era nem mais chefe de turno, eu já estava como técnico mesmo, trabalhando só de dia. Eu era o responsável por essa parte de reparo, igual eu estou dizendo. Qualquer equipamento que parasse, eu era avisado antes e ia preparar para aquilo. Então agora, ultimamente, era assim. O quadro que atendia a manutenção era formado assim: tinha 14 mestres, cada mestre tinha uma equipe de mais ou menos uns 28 homens entre pedreiros e serventes; tinha quatro chefes de turno, que eram três que estavam em rotina de oito horas, e um folgador, para dar folga para os outros. Então praticamente eram 14 mestres e quatro chefes de turno — eram 18 pessoas responsáveis —, e o quadro de operários era na faixa de trezentos e poucos homens.

V.A.- Quer dizer que o senhor teve que também liderar bastante pessoas quando o senhor era chefe de turno, não é? O senhor tinha que coordenar o trabalho?

J.L.- Tinha que coordenar tudo. Todo o serviço, toda a área, igual estou dizendo, que tinha reparo, eu tinha que coordenar: “Bom, o serviço a ser feito aqui nessa área vai ser feito assim, assim e assim. O material a ser empregado vai ser esse, esse e esse.” Porque o material tinha que ser de acordo com o local.

V.A.- O senhor disse que o material aqui era diferente do de lá da Belgo-Mineira. Por que era diferente? Em que era diferente o material?

J.L.- Não, o material não era diferente. Aqui, por exemplo, tinha é mais volume de material, porque o material refratário para siderúrgica é sempre mais ou menos o mesmo, porque ali varia é a temperatura. Então tem mais de três mil itens de material, então cada local é um material. Tem que saber só, e aplicar de acordo com o projeto.

V.A.- E quando o senhor passava assim na usina 12 horas, o senhor comia onde, dentro da usina? Como era isso?

J.L.- A usina aqui sempre forneceu refeição às pessoas, ao pessoal. De acordo com a necessidade, era só...

V.A.- O senhor comia então na usina?

J.L.- É. E eu, quando tinha necessidade, fazia a requisição ao refeitório e o refeitório mandava comida na usina.

V.A.- Aí o senhor comia lá, ou o senhor, às vezes, ia em casa almoçar também?

J.L.- Às vezes vinha, às vezes não vinha, dependendo das necessidades do serviço. A gente sempre tinha... Vinha gente de fora também, porque o volume de serviço era muito. Enorme, não é?

I.F.- É.

J.L.- É. porque aí não podia, tinha a manutenção da aciaria... Então não podia parar também a manutenção da aciaria, então tinha que pegar aí. Por exemplo, às vezes fichavam pedreiros aí de empreiteiras para misturar com os nossos. Porque os pedreiros de civil não sabem a norma do refratário, então misturava no meio para poder se fazer alguma coisa.

V.A.- E o senhor se lembra do seu Juca da banda?

J.L.- Juca da banda? Devo saber, mas...

V.A.- Ele tocava trombone de vara, na banda de música da CSN. Era o seu Juca.

J.L.- Eu devo saber.

V.A.- Ele era pedreiro, mas civil, e disse que às vezes ele ia emprestado para essa parte de alto-forno. E ele disse que era muito perigoso, que a pessoa ficava pouquinho tempo, já suava muito quando tinha que fazer reparo.

J.L.- Serviço de alto-forno...A gente até fazia serviço aí com o forno carregado, tinha que trabalhar em cima da carga com o forno trabalhando.

I.F.- Ave Maria!

J.L.- Ali é um perigo da coisa, e muito gás também. Mas aí tinha sempre um funcionário com um aparelho para medir o gás. Mas mesmo assim alguém ainda chegava a tombar ali.

I.F.- Intoxicado, não é?

J.L.- É.

I.F.- Não é brincadeira, não. Eu estive lá visitando a usina, faz uns dois meses, eu fiquei impressionadíssima. Achei muito bonito, lindo, impressionante, mas a sensação que eu tive é que estava entrando no inferno.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A.- [gravando simultaneamente em vídeo] Nós estamos no dia 9 de dezembro fazendo entrevista com o senhor João Siqueira Lopes, técnico refratário que trabalhou muitos anos na CSN.

O senhor pode dizer quantos anos?

J.L.- Na CSN, até me aposentar, eu trabalhei 27 anos, porque eu me aposentei com 39, mas trouxe 12 anos de lá da Belgo-Mineira. Agora, depois que eu me aposentei, ainda trabalhei também mais dois anos acompanhando a montagem do alto-forno número 3, fiscalizando os serviços do refratário.

I.F.- E eu estava ainda há pouco conversando com o senhor e vi que o senhor é um admirador da CSN e da cidade de Volta Redonda. Qual a sua sensação de falar sobre a CSN e sobre Volta Redonda?

J.L.- Ah, eu sinto bem.

I.F.- Sente bem, gosta.

J.L.- Gosto. Minha senhora até às vezes fala comigo para mudar daqui, ir para outro lugar...

[FINAL DA FITA 1-B]

J.L.- Como que pode, como que gera o ferro... Se a senhora pegar do princípio... Por exemplo, o minério que é extraído lá do chão para vir, e ele se transformar em ferro ali no forno, é uma coisa muito importante.

I.F.- E quando o senhor olha um automóvel bacana passando por ali, o senhor não lembra que tem um pedacinho do senhor ali dentro?

J.L.- Ah, tem.

I.F.- Não é? Porque a indústria automobilística do Brasil dependeu muito do...

J.L.- É, dessa parte.

I.F.- Dessa construção toda aí, do alto-forno... O senhor deve se sentir orgulhoso de ter trabalhado nisso.

J.L.- Eu gosto... Na Companhia Belgo-Mineira eu também trabalhei e deixei lá; mas gosto, sempre gravei a companhia também, apesar de ser uma companhia mais rigorosa um pouco, mas sempre gostei.

I.F.- Me conte uma coisa, seu Siqueira. Havia palestras de chefes explicando aos funcionários a importância do trabalho deles, a importância da siderurgia?

J.L.- Não. Isso é muito difícil, porque a chefia, você sabe como é que é. É muito raro... Às vezes, nem todos, tem alguns que são... mas tem a maioria que às vezes não dá muita bola para o pessoal mais humilde.

I.F.- Eles não faziam... Por exemplo: convidar para assistir a uma conversa, para explicar a importância da siderurgia, o papel deles na empresa?

J.L.- Não. Mas é bom.

I.F.- Muito obrigada.

J.L.- De nada.

[FINAL DE DEPOIMENTO]